

O Povo de Guimarães

Semanario Republicano

IMPRESSO NA TIPOGRAFIA «MINERVA»
DE VILA NOVA DE FAMALICÃO

DIRECTORES

DAVID D'OLIVEIRA
DUARTE FRAGA
EDUARDO D'ALMEIDA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
PROVISORIAMENTE, NA R. 5 DE OUTUBRO, 30

A BURLA Coisas e Loisas

A propósito ou a despropósito das próximas futuras eleições, vai por aí acesa campanha contra os republicanos, contra eles se forjando as mais vis insinuações e as mais tórpes calúnias, dando-os como desordeiros, como bandidos, como bolchevistas, na mais reles acepção do termo. Elementos monárquicos e católicos em nome de uma ordem, que eles nunca souberam observar nem defender, e de um Deus e de uma religião, que eles, sem reboço, nem vergonha, arvoraram — não é só de hoje o facto — em cacique e escudo da sua política vesga, sectária, dão-se as mãos, e, unidos, conluídos, de todos os meios se servem para levar a água ao seu moínho, apresentando os republicanos opositores como desordeiros da pior espécie, agitando o papão bolchevista, o fantasma comunista, aos olhos da população ingénuo e crédulo, criando deste modo um ambiente de terror e de desconfiança propício aos seus planos, mas nefasto à República e profundamente deshonroso para os republicanos. De facto, estes monárquicos e estes católicos — os católicos políticos, que o mesmo é que dizer-se os católicos monárquicos, que os outros não fazem política — não se limitam aos meios usuais em tais ocasiões. Não. Useiros e vezeiros na trampa, na burla, até do púlpito se servem para a ignóbil campanha, abusando da ignorância da nossa gente, para mais fácil execução dos seus fins. Desleais, hoje como ontem, como sempre, exploram o sentimento religioso em seu proveito, mentindo e injuriando, que outra cousa não é o modo como tentam combater e aniquilar os seus adversários.

E se todos os republicanos têm o direito de protestar contra tais processos eleicoeiros, se todos têm o dever de condenar estes abusos e estas fraudes, nós, que devemos tanto à ditadura como às outras situações anteriores; nós, que em face da política nos mantivemos sempre independentes, conscientemente independentes, deixaríamos de cumprir o mais elementar e o mais santo dos deveres calando-nos ante tanto impudor e tanta ignomínia. E' que não são só os republicanos os atingidos — e nós prezamo-nos de ser republicanos; é a República que é atingida e ferida no que tem de mais nobre e de mais sagrado: a sua finalidade patriótica, cívica e social.

DÓRIO.

BOLCHEVISTAS

“COMPANHEIRO: Quem te fala é, como tu, um trabalhador cheio de esperanças; mas, actualmente, só pensa em salvar a República. Faz tu como elle: dedica-te por inteiro a evitar obstáculos ao governo do povo. Anónimamente, santamente, como se fazem as grandes obras.” Assim se exprime *Claridade* que em Salamanca é o órgão da juventude avançada. E, decerto, não é só *Claridade* que deste modo procede e deste modo aconselha. Todo o espanhol, por mais avançado em ideias, sendo sincero, defenderá o governo do povo, defenderá o povo, que o mesmo é que defender-se a si.

E nisto deu o perigo bolchevista, o perigo vermelho, com que certos trogloditas andam a vigiarizar o papalvo.

MISÉRIA

NÃO haverá maneira de acabar com a pedinçice que vai por essas ruas? Não haverá possibilidade de achar, de organizar uma assistência local capaz de acudir a tanta miséria e a tanta vergonha?

Tanta casa de caridade, tanto asilo, e um número cada vez mais elevado, cada vez maior, de mãos a estender-se para nós, em busca do óbulo misericordioso!...

E' necessário organizar a assistência concelhia. Será mesmo o melhor modo de iniciar aqui o combate à tuberculose. Continuar assim, neste desleivo deshumano, criminoso, é uma vergonha. A não ser que os vimaranenses queiram que até nisto levemos as lampas aos outros.

E ESTA...?

ESTA é boa!... Meias velhas, meias usadas, são levadas à máquina e aí, enquanto o diabo esfrega um olho, transformadas em meias novas, em lustrosas meias novas, sem malhas escapadas, nem os mais leves e mal cheirosos resíduos de certos *chispes*, que só vêm a água pela Páscoa!... Esta é boa!

De modo que, tanto me podem vir parar aos... pés as meias de qualquer estrela de cinema, de qualquer rainha de... beleza—livra!—como as de velha filha de Maria, como as do tigrino conselheiro, com o que só tenho a perder. E esta?... E' preferível, dizem os meus botões, é preferível andar sem meias. E é. Se não tivesse a certeza de que as meias dele, ao que ele destila, não têm mais aproveitadouro, nunca mais calçava meias. Some-te, peste!

UM FÓSSIL

—CORRE, Zé! Corre, menino! E os dez anos do fedelho corriam que voavam pelo campo fora, uma das mãos na ilharga, a segurar as calças, e na outra a agulhada com que ia afugentar o gado, que andava no centeio.

—Corre, Zé! Rai's t'a parto!
—Ou, Marelo; toma!

Soneto de Luís de Camões

Que esperais, esperança? Desespéro.
Quem disse a causa foi? Uma mudança.
Vós, vida, como estais? Sem esperança.
Que dizeis, coração? Que muito quero.

Que sentis, alma vós? Que amor é fero.
E, enfim, como viveis? Sem confiança.
Quem vos sustenta, logo? Uma lembrança.
E só nela esperais? Só nela espero.

Em que podeis parar? Nisto em que estou
E em que estais vós? Em acabar a vida.
E tende-lo por bem? Amor o quer.

Quem vos obriga assim? Saber quem sou.
E quem sois? Quem de todo está rendida.
A quem rendida estais? A um só querer.

O JESUITA

Não há meio, senhores... Vire-se a gente para aqui ou para ali, vire-se a gente para onde se virar, logo dá de cara com o maldito clericalismo que tem o seu mais perfeito e nocivo representante no famigerado jesuita. As manifestações do *jesuitismo*, dessa política ultramontana, escravizadora, rancorosa, traiçoeira, tão querida de «Nemo», vêm-se aí a cada passo, a cada momento, sempre perniciosas, sempre malélicas. Servindo-se da religião para os seus fins ocultos, os jesuitas levam a desordem a toda à parte. Agora é *Le Temps* jornal francês, que segundo nos informa *Liberdade*, prezado colega lisboeta, se insurge contra a obra da traição dos jesuitas nas regiões recentemente reconquistadas aos alemães. Os frades da Companhia de Jesus fazem intensa propaganda a favor da autonomia dessas regiões. E', afinal, a revolta e a traição.

Comentando, diz o nosso estimado colega:

Os jesuitas sempre semearam o germe da revolta e da traição.

Foram eles, segundo o historiador da Igreja, Krans, quem levou Portugal à perda da independência, em 1580: foram eles quem ateou a guerra da Boémia e as sangrentas repressões da Polónia.

E, concluindo:

De tudo isto resulta que os jesuitas continuam sendo um elemento de traição e de desordem para qualquer país em que se achem albergados.

Não há dúvida. A História não mente. E, para que conste, aqui o repetimos.

Zé, para encurtar caminho, resolveu saltar um muro de pedra solta. Atirou a vara para o outro lado, puxou as calças e trepou. Já em cima da parede, esta desaba e o menino foi de ventas ao chão, onde ficou a pernear e a berrar, entre os calhaus que o *ensandevicharam*.

Ao ver isto, o pai pragueja furioso, larga a cana de sulfatar e desata a correr.

Para acudir ao filho, dirão. Não. Para valer ao centeio.

O artigo 4.º

«Empregar a maxima violência, que poderá ir até ao ultimo extremo, contra todos aqueles que se insurjam contra o regime restaurado.»

O regime restaurado era a monarchia e quem assim falava, quem deste modo legislava, era o famigerado Solari Alegre, de triste memoria, ministro que foi do reino (deles) no pandemónio da traulitânia.

Arquiva-se aqui para que não esqueça.

Recordar é viver, diz o poeta, e mal vai aos republicanos, a todos os patriotas, se não continuam a viver as horas trágicas do Eden e do assalto aos bancos. Mal nos vai se deixarmos que a nossa memoria perca o rasto desse período de perseguições e de violências. Embora convencidos de que o famigerado Solari foi ministro por falta de gente, tanto ao tempo do governo nacional repugnamos os seus infames processos de ataque e de defesa, o certo é que nenhum dos comparsas na nojentia farça lhe foi à mão por causa disso. Estava no animo de todos eles a coacção, a tirania, o assassinato, como no seu animo estava o latrocínio metódico, a espoliação, que atingiu o máximo no grotesco final da *reinação* do Monte Pedral.

Eles roubaram, eles mataram, eles mentiram, eles traíram a honra empenhada.

E, para edificação das gentes, aqui o lembramos de novo, no momento em que essa *tropa* nos assaca todos os crimes e todos os banditismos.

Calçado barato

Botas e sapatos para homem
Sapatos com sola crepe para senhora a 22\$00. Sapatinhos desde 6\$00. Sapatilhas, sandalias para criança, chinelos e sapatos para quarto.

O melhor sortido e mais barato, só na CAMISARIA MARTINS.

A democracia e as eleições

Batemos e repisamos — todo o republicano, digno do seu nome, deve preparar-se para o acto eleitoral. Deve — porque a democracia assenta, bem ou mal — não se trata de, agora, discuti-lo, no sufrágio popular; deve — porque da luta eleitoral, mais do que da revolução, renasceu a nossa democracia (e dizemos renasceu porque é tradicional, entre nós, o sentimento e o regime democrático, através da História), e se proclamou a República.

Mas o acto eleitoral não é só o dever cívico de ir lançar o voto na urna. Esse movimento, inicial de certos aspectos da actividade política, é o termo e o cabo de muitos outros movimentos iniciais de uma responsabilidade enorme, sobremaneira imperiosa para todos os verdadeiros democratas. Todo o homem, para o ser, é eleitor — ou seja: impendem-lhe os deveres de pessoa física, intelectual e moral. E', na familia, um trabalhador; na colectividade, um cidadão. Senão, de duas uma: ou não é eleitor por culpa sua, ou por culpa alheia. Se não é eleitor por culpa sua, comete simplesmente uma grave falta, mais tenebrosa em nossos dias — abdicar da sua dignidade moral e política; se o não é, por culpa alheia, está atenuada a sua falta, quanto ao próximo acto eleitoral, mas não o isenta, quanto ao futuro. A política, essencialmente, representa uma actividade social em correspondência e consequimento de efectivações positivas — o que não é hoje, mas deve e há de ser amanhã.

A simples inscrição no recenseamento eleitoral da Junta de Fréguesia é um acto preliminar e indispensável para o exercício do voto — mas supões muitos outros. Supões a fiscalização e a ingerência no ordenamento dos cadernos; que se chamem e concitem os do mesmo credo, e se vigiem os adversários. E conclui outros também. Na eleição da Junta de Fréguesia, por exemplo, o saber escolher os homens bons, em ideias e actos, capazes da administração, que lhes vai ser cometida. A sua acção, nem por ser restrita, deixa de ter uma importância máxima. A vida social assenta, basilamente, nos pequenos e dispersos núcleos, que a formam, correlacionados e harmónicos. Ter um programa definido e concreto da obra a realizar. Essa obra é vital num conjunto agrário, como é o minhoto. Os caminhos que se devem concertar, com fito na utilidade geral, as novas vias de comunicação a abrir, as fontes, a aquisição de material agrícola de uso comum — e só isto revolucionaria completamente a triste, a desolada, a penurienta fisionomia actual das nossas aldeias.

As ficções políticas são abominavelmente esterilizadoras: a política é uma actividade de sacrificio e de desenvolvimento.

Visado pela Comissão de Censura

TRIBUNA LIVRE

A' margem dos livros... e da vida

Nós e o Exército

Medrou em Portugal uma caterva de traficantes da intelectualidade, que, sem capacidade de maior para defender os seus avelhantados princípios e fazer ruir os seus princípios dos outros, pôs ao serviço da causa que serve a refalsada mentira e o ódio vésigo da sua alma, com o propósito de rebaixar a nossa condição de republicanos e convencida de que conseguiu fazer o vácuo à nossa volta, proclamando aos quatro ventos (e sem acompanhamento de tuba canora) que se afastaram de nós todos aqueles que mantinham conosco algumas afinidades ideológicas.

Composta de audaciosos e de mentecaptos, nascidos e criados num ambiente de servilismo, essa multidão detentora das chaves da ciência — puf! — e da «alavanca do progresso», que é o jornalismo, desalinha e perde a compostura, foge à verdade e calunia, para melhor impôr os seus injuriosos ditames de consciência, iludindo a boa fé de muitos e gerando dissídios entre a maioria.

Conjectura e deduz dos nossos intentos de vingança, sem reboço ou assômo de vergonha, e desatremada do juízo, desvairadamente, denuncia-nos como autores de crimes que não cometemos, pedindo à justiça a fogueira e o cutelo, atacada de venenosa peçonha, instintivamente cega e imbuída de raiva ferocíssima.

Fez correr a diabólica patranha que em cheio nos prejudicasse, especulando onzonestamente com o Exército, e nesse trabalho de pólipos minúsculos, «crescendo todos os dias um bocadinho infinitésimo», acusa sem dó nem piedade, pretende esmagar-nos perante a Nação e julga-nos capaz de, à maneira bolchevique, abandonar-nos as terras à gula popular.

! Strabismo mental!

Como tipos deformados, roupas de jesuitas e caricaturas de imbecis, não há melhor nem tão completos.

Frase mordente essa da dissolução do Exército, lançada em público por epizootia asinina, manejada como joguete, infame e miseravelmente, e estabelecida a intriga que não logra pela inverosimilhança!

¿Mas, quem fala em dissolução do Exército?

¿Quem o diz e o apregoa?

¿O Exército que é republicano? Ainda ninguém o ouviu ou conheceu tal clamor.

O Exército está desiludido dos manejos postos em prática por aqueles que lhe batem palmadinhas e jogam paçadas. O Exército não quer mais ódios ou intrigas que dividam a família portuguesa. O Exército conhece bem a sua função.

¿Quem é que badala semelhante campanha?

¿Nós, que temos a absoluta confiança no Exército republicano? ¿Nós que não duvidamos um minuto sequer do organismo militar?

Não, senhores.

Quem teme a dissolução do Exército, quem receia ver-se isolado, corrido pelo Exército, são aqueles que à sua sombra têm constantemente anavilhado a República. São as ratonadas das sacristias que renegam ideias para salvaguardar os estômagos. São os nemos caquéticos e impotentes que constantemente confundem «as ideias de liberdade e progresso com as de licença e desenfreamento, o direito com a opressão e a propriedade, filha sacrossanta do trabalho, com a espoliação e o roubo». Finalmente, são ainda os incensadores da retrogradação, as aberrações intelectuais e os incubadores do progresso que colocam acima do bem colectivo a violência e a tirania, o cerciêlo e o hissope, a antífona do breviário e a fanática hipocrisia.

¿Dissolução do Exército?

¿Mas, que espantinho é esse?

L. COELHO.

De *Baudelaire* (Petis Poèmes em Prose):

«Debaixo de um céu cor de cinza, numa vasta planície poeirenta, sem caminhos, sem relva, sem um cardo, nem uma ortiga, encontrei muitos homens, que caminhavam vergados.

Cada um deles levava às costas uma enorme Quimera, mais pesada do que um saco de farinha ou de carvão...

«Mas a besta monstruosa não tinha um péso inerte: antes oprimia e envolvia o desgraçado com os seus músculos elásticos e poderosos; segurava-se-lhe ao peito, cravando suas garras fortíssimas; e a sua vasta cabeça satânica esmagava a fronte do homem, como esses horríveis capacetes, com que os guerreiros antigos procuravam horrorizar o inimigo.

«Interpelei um dos homens, perguntando onde iam, assim. Nada sabia, nem ele, nem os outros. Marchavam, evidentemente, para algum destino ignorado, dominados por invencível desejo de caminhar.

«Cousa curiosa: nenhum dos viajantes se mostrava irritado contra o animal feroz, que o cavalgava, agarrando-se-lhe ao pescoço — parecia até que o julgavam uma parte integrante do proprio ser. Não se lia nem sombra de desespero naquelas caras fatigadas e sérias; sob a cúpula entediada do céu, os pés atascados na poeira da terra, tão desolada como o céu, seguiam com a fisionomia resignada dos condenados a esperar eternamente.

«O cortejo passou a meu lado e sumiu-se na última curva do horizonte, onde o olhar humano se perde no infinito.

«Durante momentos, obstinei-me a decifrar o mistério; depressa, uma irresistível indiferença me tomou, e senti-me ainda mais pesadamente esmagado do que eles o eram pelas suas prepotentes Quimeras.»

A um homem, de perto de cinquenta anos, ouvimos dizer que o S. João não presta, agora. Com certeza, para ele, agora, já não presta, e cada ano, se o vencer, será mais triste e desolado o seu S. João. De quantas amargas lágrimas de saudades não é feito este desdém!

... Cêrca das quatro, três ou quatro da manhã (porque, de horas, também já não entendemos nada), subia por uma rua um outro homem, de mais idade. A passar, talvez, dos sessenta. De vez em quando baixava-se e apanhava qualquer cousa na calçada. Eram cavacos, um aqui, outro além, que os rapazes e as raparigas das fogueiras tinham deixado cair. Acha, mais acha, o velhote foi juntando um molho de lenha.

Riam-se-lhe os olhos de contente. De manhã, quando na possilga acordassem, sempre haveria um riso de lume no triste lar para arrequentar o magro caldo...

...Do campo — e vinha no luar uma vibração, em perfume, de cravos e rosmarinho — uma voz clara e virgínea de moça cantava o S. João, sacudida, risonha, em desafio à esperança, em negações ao futuro, segura, forte, confiada. As horas foram passando, e os bandos dasromeiras, as folias e os descantes. Aquela voz em certos momentos, ressoava estrídula, mas cristalina sempre, em clarim de desejo, ou no abri da flôr. A lua desmaiava, eram mais vivas e picantes as estrelas de oiro. Na janela em frente, sôbre o copo de água, em que a namorada deitara o ovo, uma borboleta veio poisar. Talvez a iludisse a gêma, facetada à luz. Mas, depressa, levantou seu vôo irrequieto. E a voz, mais quebrada, sorria de cécegas, amuava-se em despeito, ora branda, ora altercativa, segrêdo e arremesso, contacto e fuga, murmúrio que se enlaça, anseio que se esquiva e zanga. Os ranchos espaçavam-se, mas eram mais bulhentos, ainda na Penha se queimavam foguetes e pelas estradas businavam os automóveis. Uma réstea fria de luz

estremunhava no horizonte. Então a voz crepitou, estremeceu, passou no ar como um riso, logo se alterou num grito surdo, doloroso e amoroso, soluçou, e lentamente morreu, como no sorver longo de um beijo.

...E' mau sinal da idade, e fúnebre preságio da morte, passar assim a noite de S. João — quando o S. João já não presta.

De *Almeida Garret*:

«Sem que a governação do Estado assente sobre uma reta e regular administração municipal e provincial, como a pede a índole do país, os seus costumes, as suas tradições, as suas necessidades e circunstâncias, nada pode melhorar, prosperar; nada pode existir verdadeira e sólidamente.»

(Na Câmara dos Pares, em 1854).

Final, o conservantismo é imensamente leviano, quando tanto se orgulha de o não ser, e proclama-lo constitui todo o seu programa. Ficam, talvez (porque mereceria apurar-se com escrupulo), os preconceitos, a rotina, o automatismo de ideias feitas e de gestos compostos e habituais, que se reproduzem, mas já nada significam. Mas, só a aparência dos preconceitos e da rotina, a mecânica, ou o totemismo de certas entidades metafísicas de pensamentos e de palavras. Por outras expressões, mais claras e precisas — o conservantismo não conserva nada, a não ser o nome.

Blasona-se Guimarães de ser uma terra estruturalmente conservadora. Se até com a electricidade, parece ainda, como diz o correspondente do *Comércio do Porto*, alumina a lamparinas de azeite! Não estava mal, embora se não possa casar tal ideia com o apregoado incremento da sua indústria e actividade moderna, não — dava-lhe fisionomia, carácter. Era um burgo medievo nas suas muralhas, na gente, nos costumes. Mas não é nada disso — felizmente, ou infelizmente, ao gosto de vocalências.

Um dos aspectos fundamentais e típicos do conservantismo é o religioso. Certo? Pois bem! Guimarães — bem sei que lhes dói, mas é assim mesmo — é de uma estranha levandade em matéria religiosa. Negam, já se vê, mas — sofismando.

Um exemplo? — o abandono, o desprezo, a ingratidão com que deixaram o culto da Senhora da Oliveira para se virarem para a Senhora de Fátima, ou Santa Terezinha do Menino Jesus. O espírito religioso é o mesmo, em substância, brada um teólogo. Discutiríamos, não vale a pena. Será — mas vai com a moda, levianamente com a moda. E na Senhora da Oliveira estavam duas grandes páginas da História de Portugal — D. Afonso Henriques, D. João I. Passou de moda. E' com tristeza que o notamos, dentro do carácter da cidade, embora vocalências não acreditem, o que não nos fez diferença alguma.

Outro exemplo? S. Damaso. Não sei se ainda se lembram... Querem mais? S. Torquato, que só quasi lhes serve para o dia da romaria grande. E dariamos muitas mais — se quisessem. Mas adiante.

De *Rivarol*:

«A opinião ataca-se com a mesma arma: as balas não atingem as ideias.»

Sessão cinematográfica de propaganda agrícola

Promovida pela segunda brigada técnica da Campanha da produção agrícola, realiza-se hoje, pelas 15 horas, uma sessão de propaganda, no cinema Gil Vicente.

Serão projectados dois «films»: *A cultura do Milho em Portugal e cultura mecânica da batata*. A entrada é por convites. Agradecemos o convite enviado.

Festas Gualterianas

Realizam-se este ano. Houve, felizmente, vimaranenses que souberam, e quiseram, lançar-se na grande iniciativa.

O dever de todos os filhos desta terra, de todos os que ainda sentem em seus peitos um verdadeiro, sentido e apaixonado amor pelo que engrandece e torne melhor o velho tempo de Afonso Henriques, é trabalhar, com alma, com bairrismo, de maneira que, amanhã, a cidade e o concelho marquem, como devem, ao lado das mais, um lugar que não envergonhe os seus pergaminhos.

Que todos saibam, e queiram, cumprir o seu dever!

Está em causa o amor proprio de todos nós. E' necessario, absolutamente necessario que mostremos, por forma edificante, que não valeamos tão pouco como os poderes publicos julgam.

Guimarães tem, por força, e para seu bem, de mostrar eloquentemente que ainda possui a vida bastante para gritar o seu valor e as suas possibilidades.

E' preciso dar todo o apoio aos rapazes que, dando lição aos velhos, compreenderam e souberam executar, na hora que passa, o que a todos nós cumpria fazer.

Dr. Joaquim José de Meira

Homem de bem, médico sabedor e cuidadoso, político honesto, a sua memória merece, sem favor, a homenagem respeitosa dos vimaranenses.

O Povo de Guimarães, que ao extinto fará a referência devida, apresenta à enlutada família o seu sentido cumprimento de pesar.

Oficina Internacional do Trabalho de Genebra

«A Memoria do Director da Oficina Internacional do Trabalho»

(Continuação)

¿Não significava esta supressão uma grande perda de documentação variada e ao mesmo tempo dum valor comprovado?

A Oficina Internacional do Trabalho acreditou que não se podia privar essa parte da Memória áquelles que, nos anos anteriores, declararam a sua grande utilidade como orientadora e como guia. Atendendo, pois, ao que pudera ter de justo o reparo feito, a Memória tal qual aparecia antes, não satisfazia o seu objectivo, porque não devia separar aquelas informações tão necessárias do que se chama genericamente «questões sociais».

A Memória do Director para 1931, ainda que circunscrita ao objecto que se assinala na Parte XIII do tratado, tem conservado o valor que possuía antes. Como a própria organização, a Memória recolhe, num viva, quanto palpita no mundo do trabalho. Este ano foca um problema que se tornou a preocupação geral: a falta de trabalho. A falta de trabalho, com ligeiras oscilações, se estende a dilatadas zonas de população operária, e por todas as partes sob todos os pontos de vista se buscam soluções para a crise que põe em grave perigo a economia com as consequentes perturbações que pode prevenir-se.

Não podia, pois, faltar a colaboração da Oficina Internacional de Trabalho para o mesmo fim. Esta colaboração é muito mais positiva posto que resulte do conjunto, metódico e perseverante dos elementos judiciosos que possam servir para dar a conhecer as causas do mal.

A Memória do Director da Oficina á conferência faz luz em muitos pontos que, apesar da controversia, permaneciam todavia confusos e harmónicos. As páginas da Memória ensinam claramente o que tem de cíclica ou endémica á crise, a influencia determinante dos factores provenientes da guerra, as cons-

Tribuna do professorado

A QUESTÃO...

Ciciaram-nos uns pequenos reparos ao que temos escrito sob a rubrica que affectam o tema — questão social.

E' assim mesmo, amigos e senhores.

As cousas não se podem pensar ainda como desejam as pessoas de consciência pura e de recta justiça.

O expoente da cultura e a degradação por que roça a generalidade da educação e até a dos que muito presumem e conquistaram a auréola do mando não o conseguem.

Não cremos que se ignorem: sabem bem quem são e quanto pesam e valem.

Mas têm à sua disposição dois elementos que dispensam grandeza de concepção e elevação de génio — a treva e a importância inerente à função.

O ideal superior seria que todos representassem valores seleccionáveis; o ideal dos muitos que a selecção se fizesse em ordem a apurar os capazes e mental e moralmente equilibrados.

Oh! mas isto não passa de idealismo; e o idealismo não cria enxúndias nem abarrota burras.

Hoje, como ontem, consciências maleáveis — um «Eu» rescendendo a putrefacção.

A miséria alastra, devastando a fome numerosas famílias; uma deficientíssima alimentação provoca o definhamento de braços que desfalecem para o trabalho, carreando para os tugúrios enfermidades que exterminam os seus habitadores; hospitalização míngua, carencia de asilos, albergues, em síntese, assistência compatível com as necessidades de tão considerável percentagem de doentes e desempregados muito longe de o ser.

E assustam-se muitos com a perspectiva de que as grandes fortunas sejam afectadas.

Ponderemos, contudo, o que se verifica na produção literária e na produção fabril: vigora em quasi todos os países uma legislação que não consente que o fruto material da literatura aproveite além dos filhos; as obras de autores célebres volvidas umas dezenas de anos não são exclusivo dos seus herdeiros, passam ao dominio dos Estados, de todos os povos; nas fábricas centenas e mesmo muitos milhares de operários produzem maravilhas quer manualmente quer dirigindo e fiscalizando o trabalho de máquinas e engenhos, auferindo, quando muito, o estritamente necessário para equilibrarem uma vida falhana.

Ora a verdade é que uma obra literária vale bem uma fortuna e os protestos contra a lei que não perpetua nos descendentes do autor os direitos de propriedade não têm sido exteriorizados com retumbância; os proprietários e directos ou gerentes das grandes fábricas e empresas apropriam-se da grande massa dos lucros, e laborioso operário a fome aperta e a doença devastava.

E' justo? E' humano?

Será, será para quem já mais sentiu e sofreu as torturas da penúria e só tem vivido nos afagos da pecúnia.

Não se lamenta ninguém de ter de concorrer com a sua cota-parte nem argumente com a falta de estímulo para acumular riquezas só valiosas para os seus.

¿Quem há aí que sinceramente, que sem paixão possa insuflar nos outros amor pela constituição actual da sociedade?

Junho de 1931.

PROF. JERÓNIMO FERREIRA BOTELHO.

sequencias duma defeituosa distribuição internacional da mão de obra e do ouro, as repercussões do maquinismo e da racionalização que, como muito bem disse o sr. Albert Thomas, «habrá que pensar em racionalizar».

(Continua)

Os nossos mortos queridos

Rememorando

José Maria Gomes Alves

Passou no dia 31 de Maio, o primeiro aniversario da morte deste nosso querido amigo e correligionario, antigo chefe da secretaria da Câmara Municipal de Guimarães. Natural de Braga, onde já tinha sido funcionario municipal, fora colocado em Guimarães, em 1902, na vaga deixada pela aposentação do sabedor e saudoso sr. Antonio José da Silva Bastos.

Em as vereações monárquicas, até ao advento da Republica, foi de uma lealdade absoluta.

Quando, em 1910, se implantou a República e em 19 de Outubro tomaram conta da administração municipal os poucos republicanos que aqui se destacaram, ele, não só os serviu lealmente, como os acompanhou politicamente, aderindo e integrando-se no ideal.

Porém, nos vae-vens da politica, sofreu vexames e perseguições, exalando o último suspiro, conscio de ter cumprido o seu dever, e de, integrado na democracia, ter bem servido a República.

Funcionario exemplar, deixou infindas saudades e uma numerosa prole que lhe segue as tradições.

José de Oliveira Meira

Passou no dia 13 de Junho o décimo aniversario do falecimento deste nosso saudoso amigo e correligionario, que foi antigo negociante, estabelecido á rua de S. Damaso.

Integrado no ideal republicano foi um dos seus mais dedicados colaboradores. Tendo falecido em 1921, deixou innumeras saudades.

A seu filho, sr. Damião José de Oliveira Meira e a seus sobrinhos afins Armando Borges Nogueira e Arlindo Souto, nossos estimados correligionarios, dedicamos esta homenagem, bem sentida e sincerosissima.

José Lopes de Sousa

Tambem no dia 15 do corrente passou o decimo nono aniversario da morte deste nosso correligionario, que foi segundo sargento de infantaria 20.

Republicano de velha guarda, foi um dos colaboradores da revolução republicana de 31 de Janeiro de 1891. Quando eclodiu na cidade do Porto essa revolta, acompanhou o seu regimento, mas, havendo ordem de concentração em Penafiel, não foram permitidos entrar naquelle cidade, onde iriam atear o fogo.

Tendo passado á reserva, dedicara-se ao mister de seu pai — fundidor de metais.

Deixou um filho, o nosso amigo e correligionario, sr. capitão Januario Joaquim Lopes de Sousa, ora residente em Lisboa, que o honra.

A. B.

V. Ex.^a

Só encontra um bom sortido de meias em todas as qualidades, camisas, popelines, gravatas, chapéus, sombrinhas, luvas, malinhas, bordados e rendas, artigos de bordar, calçado de verão na

Camisaria Martins

a CASA DAS MEIAS

"Edições da Livraria Lelo,"

Adquirindo-as, podeis habilitar-vos aos sorteios da mesma livraria.

Consultai as condições na livraria L. Oliveira & C., rua da Republica (junto ao Banco do Minho).

BIBLIOGRAFIA

«ARTE DE DIZER MAL»

de Ludovina Frias de Matos

Com uma interessante capa de Carlos Branco, o novo livro de D. Ludovina Frias de Matos agrada pela simplicidade e leveza de prosa.

Comentários, entrevistas, diálogos, cartas, contos e perfis, distribuídos em cento e quatro páginas, sintetizam em pequenos escritos outros tantos pensamentos que, a progredirem, buscarão novas laudas de papel onde serão focados novos quadros da vida, sombrios ou alegres, modificando a característica literária da autora que nos habituamos a conhecer envolvida por uma auréola de lirismo, comovida dos seus próprios sonetos e filosofando o «Para Além da Morte».

D. Ludovina Frias de Matos que vem marcando a sua figura literária com incedível despreocupação, mas com firmeza, poetisa de fina sensibilidade e de conscienciosa técnica, por direito de conquista poderá vir a vencer um lugar de destaque nas letras, não só porque possui belos dotes intelectuais mas também porque ama com superioridade a arte que para muitos é a fugidia quimera que traz desilusões, sombra de gestos e lágrimas desperperadoras.

A sua imaginação subtil e desejo criador, repudiando a feira das vaidades que suja um sem número de condições do temperamento, aveludam a frase e vincam o recorte literário, a ponto de determinar um encanto que seduz e captiva, e fazendo resplandecer a arte a grandes alturas.

Depois... obra osculada pela fantasia erótica, em cada página há exemplos característicos de enarmados desejos, purificados pela inocência ou aclamados pela tortura da vida, afugentada aquella «Noite cáhólica, estúpida, selvagem», de que fala o poeta, douradas as linhas pela saúde que canta amor, a sua paixão, o seu profundo amor.

E se por vezes ri, ouve-se um choro convulso a subir no brouhaha da vida, dominando em absoluto os episódios que transmitem sentimentos diversos e sacrilegos, prazeres que se desmancham perante a dor e gargalhadas que se calam na fascinação eterna do alucinamento.

A «Arte de dizer mal» é um lindo livro, sem asperezas bruscas e sem frivolidades tediosas.

«Parece que todo ele foi feito para folhas de rosas brancas e concebido entre uma atmosfera perturbante de perfumes».

C.

N. B. — Num dos próximos números publicaremos em conto da semana um dos pertencentes ao livro de D. Ludovina Frias de Matos, de que se acabou de fazer crítica.

AVISO

Pela Inspeção Técnica das Indústrias e Comércio Agrícolas foi solicitado ao Ex.^{mo} Administrador do Concelho, para chamar a atenção dos industriais de padarias, existentes neste concelho, para o disposto no art. 2.^o e § único do Decreto n.º 19.836 de 4 do corrente mês, que diz que, a partir de 1 de Julho próximo futuro, os bilhetes de identidade a que se refere o art. 15.^o do Decreto n.º 18.820 serão válidos POR ANOS ECONOMICOS e o seu custo será de 10\$00 escudos.

Nesta conformidade todos os bilhetes em poder do pessoal das padarias carecem de ser renovados a requerimento dos industriais, para cada empregado, indicando o nome e funções que desempenha no estabelecimento e fazendo-se acompanhar de 10\$00 escudos e de duas fotografias iguais.

A falta de bilhete de identidade, a partir da data acima citada, será punida com a multa de 50\$00 escudos pela 1.^a vez e de 100\$00 em caso de reincidência.

MAQUINAS DE ESCRIVER

As mais perfeitas, as mais modernas, as mais resistentes e as mais economicas, vende a Casa High-Life

EDITAL

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, administrador do concelho de Guimarães:

Faz publico que, para os devidos efeitos e para cumprimento do art. 8.^o do Decreto n.º 8364 de 25 de Agosto de 1922, a esta secção Administrativa da Câmara baixou o edital da Circunscrição Industrial, que é do teor seguinte:

EDITAL

Manuel Jacinto Eloi Moniz Junior, Engenheiro chefe de da 1.^a Circunscrição Industrial.

Faz saber que Sousa, L.^{da}, requereu licença para instalar uma fábrica de tecidos de algodão e seda incluída na 2.^a classe com os inconvenientes de barulho, trepidações e perigo de incêndio no lugar dos Atranquilhos freguesia de Creixomil concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao Norte e Poente com terrenos do Conde de Bertandos, Sul com terrenos de Viúva de Paulo Lobo Machado e Nascente com Estrada Nacional.

José Rodrigues, requereu licença para instalar uma fábrica de tecidos de algodão e seda, incluída na 2.^a classe com os inconvenientes de barulho, trepidações e perigo de incêndio no lugar da Deveza freguesia de S. Martinho de Candoso, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao Norte, Sul, Nascente e Poente com terrenos do requerente.

Nos termos do Regulamento das Indústrias insalubres incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede em Pôrto, rua Sá da Bandeira 142 — 2.^o

Pôrto e Secretaria da 1.^a Circunscrição Industrial em 18 de Junho de 1931.

O Engenheiro Chefe, Manuel Jacinto Eloi Moniz Junior.

E' o quanto se contém no referido edital.

Guimarães, secção Administrativa da Câmara, aos 22 de Junho de 1931.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção Administrativa o escrevi.

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

Concurso

Tendo sido aberto concurso, pela Brigada de Mecânicos do Ministerio da Marinha, que termina no dia 20 do proximo mês de Julho, para admissão de marinheiros-alunos artifices, torpedeiros, electricistas e marinheiros-alunos condutores mecânicos, a ele podem concorrer todos os militares da Armada e do Exercito, de gradação não superior a cabo, e individuos da classe civil, de 18 a 23 anos, que satisfaçam as condições estabelecidas para o referido concurso, as quais se encontram na secretaria da secção administrativa, onde qualquer interessado as pode examinar e ver.

CONTOS E NOVELAS

Sem a luz do amor

Por EDUARDO DE ALMEIDA

(6)

No eido, em volta do grande cedro que dava o nome ao sítio, o povo da aldeia formava ajuntamento. O Padre das Polémicas mal soubera a infausta nova do preceptor intelectual e do estilista, que lhe dera estonteante renome em versalentes e sábios combates nas gazetas eclesiásticas e politicas, viera até à varanda fumar um cigarro, e Joaquim, muito de compasso, as mãos atrás das costas, o chapéu enterrado na cabeça, esmoendo, começara outra volta de examina à propriedade, vendi-pesquisamente as cousas, avaliando a preceito árvore e árvore, as cerdeiras velhas envidadas e as cerdeiras novas à espera dos braços dos mergulhos, os dois carvalhos e o castanheiro na courela de mato, entre o campo e o pomar, o tanque de pedra com sua telha de água e pedra de lavadouro, debaixo da umbela de uma figueira ramalhuda e estorcida, o estado dos cancelos, a altura dos muros debruçados de eras e de silvas, os esteios e os fios de arame da nova latadinha — contando palmo a palmo a sua terra. Chegou mesmo a aninhar-se para a apalpar, cheirar, provar. Era uma terra gorda e húmida. Como a porta da adega apenas estivesse cerrada, entrou, bateu com os nós dos dedos em cada tempo de casco, subiu ao lagar e calculou as pipas que pudera levar, vis'o'rou as traves do teto. No cortelho, havia um suino de engorda. Em menos de uma lua seriam umas boas arrobas na matança. Bateu-lhe no focinho, muito satisfeito de o ouvir grunhir. Até a égua era melhor do que a sua russa.

Como repartir, cortar em dois bocados que ficavam um e outro a não prestar para nada, um bem assim tam juntinho e gracioso, que estava mesmo a pedir o homem da sua casta?

Não se causava de andar e tornar a ver, — como se, nos passos dos seus pés, quisesse deixar bem firmado o novo senhorio. Então, no topo da horta, surpreendeu um canteiro florido de jardim. Arregalou os olhos como se visse roubar. Eram bonitas as flores — mas para que serviria aquilo? Deu com a mão desdenhosa nas folhas de hortensia e nas flores vermelhas das sardineiras e pôs-se a olhar um bando de pardais que viera poisar na mēda. Fios de água sussurravam num valo. Quanto custaria ao padre Manuel a propriedade? Os preços mudam vertiginosamente, mas não se inventara ainda, nem nunca, riqueza mais sólida do que a terra, porque é o trabalho do lavrador, que nasce ali, ali deixa os filhos e morre ali.

Decidiu-se então a catar o Giribanda. Era o jornaleiro que fazia as terras, o homem de recados, como um lugar-tenente, e éle quem ajudava à missa do irmão e sancristianava a igreja e os fregueses. Trouxe-o a sentar-se no banco de pedra, junto da horta, eucarecendo-o com muitos rodeios e ares suspeitos de melhorias futuras. O homem da Rufina, que o padre conhecera na primeira missa, sounosamente esquivou-se, lacrimando as virtudes do padre.

— Que eu, com isto de perguntar, é por bem da Maria Teresa. — Já se vê! Mas cá um homem da lavoura não sabe o que vai na gaveta dos amos. O que sei e juro é que o sr. padre Marcelino era muito amigo da senhora e não se escondia de dizer...

— De dizer o quê, ó Giribanda? — Olhe, sr. Joaquim, pois sempre muito enganadihos andamos na vida e vamos levados na hora da morte!

Joaquim engoçou-se — que mais valia não atear desconfianças —, mas não sem trejurar que o grande velhaco havia de ser escorraçado com alguns safanões dados de boa gana.

A mulher e os filhos vietam encontrá-lo, algo despeitados, porque ainda não tinham visto a senhora cunhada e tia, e logo todos concordaram em que eram muito horas de comer, pois com certeza de suas obrigações se não deviam ter esquecido a Maria Teresa e a Josefa.

(Continua)

Antonio Vieira d'Andrade

Após dolorosos sofrimentos, foi a enterrar na semana finda, o nosso saudoso correligionario e correspondente desta cidade para o *Diário de Noticias*, de Lisboa, António Vieira de Andrade, que durante muitos anos exerceu o cargo de Proposto, na Tesouraria de Finanças desta cidade.

Coração bondoso e carácter duma probidade inconcussa, a sua morte foi muito sentida por todos aqueles que com éle privaram na vida íntima, demais, sabido que sofreu injustiças e agravos que não merecia.

Quando se propunha rehabilitar de acusações que o feriram profundamente na sua honra, quando iria provar a sua honestidade, salientando o seu coração magnânimo, é que a morte o roubou à sua actividade e o tombou para sempre, inanimado, mas de consciência tranquila e serena. O seu funeral foi muito concorrido, fazendo-se o nosso jornal representar pelo sr. Luís Filipe Coelho.

A' familia enlutada os sentidos pêsames.

Cemitério Municipal de Guimarães

Este cemitério, situado no alto da Athougia, freguesia de Creixomil, suburbios desta cidade, foi inaugurado em 1 de Maio de 1878, tendo, ali, sido sepultados, até 9 de Junho do corrente, 21.855 cadáveres de adultos e crianças! O dobro da população que tem a cidade de Guimarães.

D. Sofia Costa

No Porto, onde tinha ido fazer uma operação, faleceu a sr.^a D. Sofia Costa, viúva do antigo negociante desta praça, Bento Santos Costa, e mãe das sr.^{as} D. Elvira e Josefina Costa. Senhora de belas qualidades, a sua morte foi muito sentida, tendo sido muito concorrido o seu funeral que se realizou da Estação do Caminho de Ferro para o Cemitério d'Atougia.

A toda a Família, e especialmente aos nossos queridos correligionarios, srs. Almeida Ferreira, A. J. Ferreira da Cunha e António Lage Jordão, os nossos sentidos pêsames.

Dois factos notáveis

Tomou posse, no passado dia 15, a nova Comissão Administrativa da Câmara Municipal.

No mesmo dia efectuou-se a da Comissão de Turismo da Penha, que últimamente fôra nomeada.

Como se trata de dois acontecimentos importantes da vida local, aqui os deixamos noticiados com o devido revólé.

CASA DAS NOVIDADES

Rua da Republica — GUIMARÃES

Se quereis ser felizes habilitar-vos nesta casa.

A unica que vendeu durante um ano, além de muitos premios, duas vezes a taluda de 400 contos.

PREÇOS ESPECIAIS

BENJAMIM DE MATOS & C.^a, LIMITADA

Toural — Guimarães — Telefone 64



SEDE
LOJA DO LEQUE

Fazendas de lã, seda e algodão
Fazendas brancas — Malhas — Perfumarias e miudezas
Papeis para torrar casas — Maquinas de escrever

Sempre novidades em tecidos de lã, algodão, fantasias e sedas diversas

FILIAL

CASA HIGH-LIFE

Modas e miudezas — Camisaria — Gravata-
taria — Luvaria — Perfumarias — Meias
de seda e algodão — Artigos para bordar

PREÇOS REDUZIDOS — VENDAS A DINHEIRO
PREFIRAM ESTAS CASAS



DROGARIA MODERNA

DE

Fernandes Guimarães & Irmão, Suc.

Guimarães { Telefone N.º 146
RUA DA REPUBLICA

TINTAS

VERNIZES

LOUÇAS

POLVORAS

VIDROS

CAIXILHOS

Casa das Gravatas

DE

Dias & Carvalho, L.^{da}

43 — RUA DA REPUBLICA — 47

TELEFONE 188

GUIMARÃES

CHAPELARIA, CAMISARIA, GRAVATARIA

COMPLETO SORTIDO EM MEIAS E PEUGAS, POPELINES
BOLSAS, MALHAS, GUARDA-CHUVAS, PERFUMARIAS,
MIUDEZAS E ARTIGOS DE NOVIDADE

— Vejam os nossos preços —

Rádio Telefunken

Os melhores aparelhos da Europa

Um aparelho TELEFUNKEN adequado para cada fim

A maior selectividade

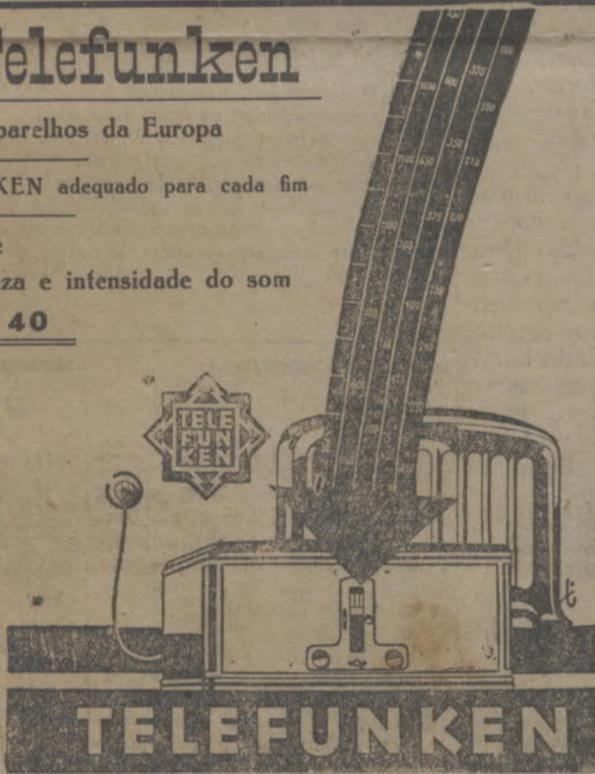
Pureza e intensidade do som

TELEFUNKEN 40

O receptor com um ano de avanço sobre o demais. Sua simples manobra e o seu elevado rendimento fizeram dele o receptor de classe mais universalmente disseminado. Peça V. Ex.ª uma demonstração sem compromisso nem encargo ao

Representante em GUIMARÃES:

HENRIQUE PIRES



TELEFONE 181

GUIMARÃES

CASA IDEAL

DE

Joaquim Leite Monteiro

que é também o representante das maquinas de escrever L. C. SMITH e CORONA, que são reputadas ás de modelo mais perfeito e as de maior duração

28 — Rua 31 de Janeiro — 30

GUIMARÃES

PAPELARIA,
PERFUMARIA
E TABACOS

Gramofones
— e discos —

Papeis de embalagem, Fio,
Papelo e maquinas de es-
: : crever : :

Papelaria Central

Praça D. Afonso Henriques

— TELEFONE 140 —

Artigos fotograficos

Unica casa de Especialidade

“O POVO DE GUIMARÃES”

SEMANARIO REPUBLICANO

Rua 5 d'Outubro N.º 33

GUIMARÃES

Assinaturas		Anúncios	
Por ano	24\$00 Esc.	Cada linha	\$50 cent.
Africa	28\$00	Na 1.ª e 2.ª pág. preços convencionais.	
Brasil (moeda brasileira)	20\$00	Comunicados, linha	\$60
Estrangeiro	40\$00	Imposto do selo	\$15
Número avulso	\$50 cent.	Linómetro tipo corpo 8.	

Ex.ª Sr.

Redacção do “Povo de Guimarães”

Guimarães

Deposito da Cal da Figueira

DE

LEITE & FIGUEIREDO

NESTE DEPOSITO ENCONTRA-SE Á VENDA

Sulfato de Cobre Inglez e Enxofre

das melhores procedencias

Agentes do cimento TEJO

Largo de S. Paio

GUIMARÃES

